

PR/SCT/CNPq  
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI  
COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

TALENTO E ATITUDE:  
Estudos Biográficos do Museu  
Emílio Goeldi, I.

Oswaldo Rodrigues da Cunha

Belém – Pará  
Outubro 1989



PR/SCT/CNPq

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**

Presidente: José Sarney

**SECRETARIA ESPECIAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Secretário: Décio Leal de Zagottis

**CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**

Presidente: Crodowaldo Pavan

Vice-Presidente: José Duarte de Araújo

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

Diretor: Guilherme M. de La Penha

Vice-Diretor de Pesquisas: José Guilherme Soares Maia

Vice-Diretor Executivo: Celso Martins Pinto

**COMISSÃO DE EDITORAÇÃO**

Presidente: Guilherme M. de La Penha

Vice-Presidente: Adélia E. de O. Rodrigues

Apoio Editorial: Lais Zumero, Graça Overal e Lairson Costa

Cunha, Osvaldo Rodrigues da.

Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi, I/Osvaldo Rodrigues da Cunha. - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

160 p.: il. - (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira)

ISBN: 85-7098-031-2

1. PESQUISADORES-Biografia. 2. MUSEU PARAENSE  
EMÍLIO GOELDI-Pesquisadores. I. Título.

CDD: 925

CDU: 929

© Direitos de cópia/Copyright 1989  
por/by PR/SCT/CNPq Museu Goeldi

## Agradecimentos

Em singelas palavras o autor faz questão de agradecer em princípio a atenção e o empenho que o diretor do Museu, Dr. Guilherme M. de La Penha, vem manifestando com grande interesse às pesquisas científicas específicas da instituição e aos respectivos estudos históricos, restaurando alguma parcela do passado e publicando trabalhos neste campo, a fim de que a memória de homens e

eventos não venha a desvanecer-se definitivamente. Agradecemos também a Lais Zumero, da Comissão de Editoração do Museu, pela revisão cuidadosa e paciente da parte literária e pelo veemente interesse que vêm demonstrando para que o presente trabalho fosse o quanto antes publicado e também por outros em vias de o serem.

## Sumário

Apresentação . . . . .	12
Prefácio . . . . .	14
Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1880) . . . . .	20
Francisco da Silva Castro (1815-1899) . . . . .	48
Edgar Leopold Layard (1824-1900) . . . . .	54
Joaquim Pedro Correa de Freitas (1829-1888) . . . . .	59
José Ferreira Cantão (1827-1893) . . . . .	62
José Coelho da Gama e Abreu (1831-1906) . . . . .	65
Charles Frederick Hartt (1840-1878) . . . . .	69
Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912) . . . . .	77
Herbert Huntington Smith (1851-1919) . . . . .	80
Maria Elizabeth Emflia Sneathlage (1868-1929) . . . . .	83
Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946) . . . . .	103
Rodolpho de Siqueira Rodrigues (1884-1957) . . . . .	122
Paul Vincent Ledoux (1898-1984) . . . . .	138
Walter Alberto Egler (1924-1961) . . . . .	150

# Apresentação

Sonhar e observar, defender-se e buscar sobreviver, ensinar e educar, comunicar e informar, organizar e gerar conhecimentos são todas as ações e atitudes que se mesclam nos perfis da mulher e dos homens que o Pesquisador *Oswaldo Cunha* traça neste trabalho.

Toda nova geração adota novos padrões, novos líderes, novas crenças, novos mitos e enquanto fazem isso com entusiasmo acumulam, sem saber, experiência para vir a valorizar - ao chegar a fase de ceder sua vez - o trabalho daqueles que a antecederam. Infelizmente sempre se chega tarde à real história da ciência, mas felizmente nunca o suficientemente tarde para que dela não se possam tirar lições.

O *Museu Goeldi* atual é fruto das contribuições de dezenas de homens ao longo de doze décadas. *Oswaldo Cunha*, cientista respeitado, autodidata admirável, na madureza de sua carreira se dispõe a levar a cabo o projeto de buscar retratar as parcelas maiores na construção do todo hoje existente. Ele o faz não com o instrumental do historiador profissional, mas com o viés de um autor com experiência análoga a de seus retratados: a disciplina do trabalho científico, o cansaço da liça

pelo reconhecimento que nunca chega em vida, o treino no debate constante da ciência por sobreviver no ambiente hostil amazônico e brasileiro.

Dos sonhos e decepções do fundador *Ferreira Penna* à realidade e fatalidade de *Walter Egler*, *Oswaldo Cunha*, nesta primeira série, traça um perfil temporal de uma instituição ainda em continuada construção, sob a ameaça da adversa realidade sócio-econômica nacional.

*Oswaldo Cunha* orgulha duplamente o *Museu Goeldi*. De um lado por sua contínua e diversificada produção, desde a juventude, e que passa por quase todas as disciplinas de que se ocupa este *Museu*; de outro, por documentar a tradição de uma instituição que sempre buscou manter seu ideal filomático graças ao esforço, trabalho, zelo e competência daqueles aos quais nunca foi dada a oportunidade de decidir sobre os rumos da Amazônia; só o de trilhar suas sendas, desvendar parte de seus segredos, sonhar em seus mistérios e lamentar sua destruição.

6 de Outubro de 1989

Guilherme M. de La Penha  
Diretor Geral  
MPEG/CNPq/SCT

## Prefácio

A história de um povo, de uma nação, de uma instituição científica, artística e cultural é feita por homens e mulheres. O homem fez a História e a História fez o homem. A História não é poesia e nem romance, cuja descrição fica exposta ao sabor das idéias e maquinações de um autor inventivo e prolífico. A História é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado da humanidade, a vida de uma pessoa em particular e a sua manifestação na ciência, na arte, na música, na religião e na filosofia.

“Evidentemente, o conhecimento histórico é um conhecimento científico, ainda que sua exposição seja ao mesmo tempo uma arte”. Assim se expressou o historiógrafo espanhol Luiz Pericot Garcia (“El Estudio de La História” em *Enciclopedia Labor*, 1958 (5):XXI-XL), abordando o estudo do passado.

É certo que não podemos compreender o presente sem conhecermos o passado. Este conceito é atribuído a Alexis de Tocqueville (1805-1859), célebre magistrado e pensador francês. O caminho mais equilibrado para compreendermos os acontecimentos históricos, os en-

tendidos afirmam, é conhecendo e estudando a vida das pessoas que mais influenciaram o desenvolvimento dos acontecimentos. Por isso, a biografia bem elaborada e coordenada com imparcialidade e analisada através das fontes documentais confiáveis, reconstitui uma época e tudo o que as personagens mais salientes daquele cenário contribuíram para o progresso ou retrocesso da sociedade humana.

Os estudos biográficos no Brasil, aliás tema de suma importância para o nosso país, jamais tomaram delineamentos científicos e históricos com encadeamento. Ocorrem apenas trabalhos esparsos, incompletos e sem precisão no tempo e no espaço, salvo algumas exceções no século passado como a antiga obra de Augusto Sacramento Blake (1827-1903), o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, publicado em 7 volumes entre 1883 e 1902. No atual século apareceram alguns pequenos e grandes dicionários e enciclopédias com biografias-miniaturas de literatos, políticos, militares, artistas, médicos e profissões outras, além de tratarem de termos gerais de cunho interna-

cional e brasileiro.

A história da pesquisa científica no Brasil e seus cientistas sempre foi relegada a plano medíocre e parcial. O primeiro trabalho importante sobre a história da ciência no Brasil foi publicado por uma equipe de pesquisadores, com certeza livro pioneiro, *As Ciências no Brasil*, organizado por Fernando de Azevedo e editado pelas Edições Melhoramentos, em dois volumes (S. Paulo, 1955), entretanto muito defeituoso e parcial no que diz respeito à Amazônia, suas instituições científicas e seus cientistas no passado, até a época da publicação do livro.

Mais recentemente foi publicada a *História das Ciências no Brasil*, coordenado por Mário G. Ferri, já falecido, e Shozo Motoyama. É obra em três volumes, patrocinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Editoras Pedagógica e Universitária Ltda. (São Paulo, 1979/1981), com colaboração da Universidade de S. Paulo. Com uma versão mais ampla e atualizada sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil que a anterior, pelo conjunto de matérias abordadas, este trabalho, no entanto, deixa ficar muita coisa por informar e é, às vezes, incompleta e discordante. Pouco ou quase nada se refere à Ciência e cientistas na Amazônia. Sempre o mesmo defeito e mesma metodologia adotada: uma parte do Brasil, desgraçadamente, não conhece a maior porção do País, que é a Amazônia. Sofrem nesse caso principalmente a Zoologia, Botânica, Antropologia, História, Medicina, e disciplinas afins.

No Pará, até quase os dias atuais, a história científica e a biografia de cientistas têm sido uma lás-

tima e uma indigência de memória pelo passado que mais parece uma terra sem história e sem existência, apenas mostrando a indiferença e o atraso em que o Estado tem vivido. É mais uma vergonha que um castigo. No século passado e no atual, quase nada se escreveu sobre este importante tema, muito pouco e esse mesmo fica desejar.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, a mais antiga instituição científica da Amazônia e uma das primeiras no Brasil, tem uma longa história de 123 anos e, no entanto, até 25 anos atrás, pouco ou nada existia escrito sobre ele. Dos cientistas que aqui trabalharam ou outros que emprestaram sua contribuição de alguma forma, nada se conhecia – a não ser algumas notas discrepantes e geralmente incorretas nas datas e na especialidade, apenas tratando de Emílio A. Goeldi e Jacques Huber.

Em 1938 o Diretor Carlos Estêvão de Oliveira publicou um “Resumo Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi”, inserto na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio de Janeiro* (volume 2, páginas 7 a 19). Este trabalho tinha sido o melhor então realizado, infelizmente incompleto, cheio de lacunas e erros, que no final não informou e nem esclareceu questões que ficaram no vácuo. Carlos Estêvão, como Diretor do Museu, tinha condições para pesquisar mais profundo e redigir melhor, mas não o fez. Entretanto, uma contribuição mais correta e documentada foi apresentada por Hélio F. Camargo, antigo pesquisador do Departamento de Zoologia de São Paulo, hoje Museu de Zoologia da Universidade desse Estado (USP), com o título: “Pequena contribuição ao estudo da

História do Museu Paraense Emílio Goeldi” (*Ciência e Cultura*, 1951, volume 3, nº 1, páginas 61 a 68). O trabalho aborda aspectos da vida de Emílio Goeldi, Godofredo Hagemann, Jacques Huber e Emília Snethlage.

Finalmente, o centenário do Museu Paraense estava aproximando-se em 1966 e até então nada se sabia sobre os instantes de sua criação e nem sequer se conhecia o nome das pessoas que concorreram para esse memorável evento, exceto o de Domingos Ferreira Penna. Em vista disso, o autor do presente trabalho empreendeu no início dos anos 60 uma paciente pesquisa nos documentos dispersos aqui, ali e acolá em arquivos e bibliotecas, que tratassem ou informassem qualquer coisa sobre o Museu em geral e sobre as pessoas que nele trabalharam ou para ele emprestaram a sua prestimosa colaboração. Em 1966 uma *sumária*, correta e bem intencionada história do Museu Paraense Emílio Goeldi já estava elaborada e publicada no jornal “A Província do Pará”. Daí aos dias presentes, procuramos sempre ampliar o leque da pesquisa histórica desta instituição, acrescentando informações e esclarecendo períodos obscuros e descobrindo dados particulares com minúcias elucidativas e veracidade cristalina.

No decorrer das pesquisas sobre o passado do Museu, passamos a buscar informes exatos, tanto quanto possíveis, acerca das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento da instituição desde suas origens. Em si, a parcela mais difícil, exaustiva e demorada da história do Museu, porque as pessoas de origem estrangeira que nele trabalharam ou para ele contribuíram, tiveram de certa forma notas de óbito à época do faleci-

mento em revistas alemãs, inglesas, norte-americanas e outras, nem sempre acessíveis no Pará. Quanto aos brasileiros, também existia certa dificuldade, em vista das informações sobre estas pessoas que às vezes não eram encontradas, outras apareciam apenas em notas do dia do falecimento publicadas em jornais de Belém no século passado ou no atual. Algumas pequenas biografias de certas pessoas mais importantes encontram-se em livros, dicionários, enciclopédias ou determinadas revistas científicas, culturais e de caráter geral. A maioria dessas biografias são incompletas, discordantes em datas e eventos e nem sempre ligaram o indivíduo ao convívio do Museu Paraense.

Nos últimos vinte anos o Dr. Ricardo Borges (1886-1975), nascido na Bahia, advogado, economista e conhecedor dos problemas da Amazônia, onde viveu 66 anos no Pará, ficou chocado pela deficiência de biografias das personagens relevantes à história do Estado. Foi induzido então a escrever sobre a vida dos homens que fizeram essa história. Um trabalho abnegado o do Dr. Ricardo Borges, que resultou na publicação do livro *Vultos Notáveis do Pará*, editado em 1970 pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará e republicado em segunda e ampliada edição em 1986 pelo Centro de Estudos Jurídicos do Pará (CEJUP), em comemoração do seu centenário. Sem dúvida, é o melhor livro de biografias que se publicou no Pará, não tanto pelo número de biografados, como pelas informações históricas de diversas épocas nelas contidas. Entretanto, está longe de ser completa. Além de conter incorreções, lapsos e grandes lacunas sobre cientistas, na-

turalistas e pesquisadores em geral, sejam paraenses ou estrangeiros, a obra de Ricardo Borges não preenche o vácuo da história da ciência no Pará e nem relembra aqueles sábios que aqui lutaram contra a ignorância, pois aí se encontram menos de dez nomes, assim mesmo com notas sumárias e algumas incorreções de datas.

Por fim, para não fazermos injustiças, referiremos o esforço realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em promover o "Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia no Pará", nos dias de 17 a 21 de junho de 1985 no qual foram abordadas as instituições, a UFPA e temas científicos por vários professores e pesquisadores. O Museu Paraense foi representado pelo ex-Diretor, Dr. José Seixas Lourenço, o qual apresentou um sumário histórico e as suas linhas de atividades até então. Os trabalhos foram publicados pela UFPA em 1985, em dois volumes, com o título *Anais do Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia*. As anotações de José Seixas Lourenço se encontram no segundo volume, nas páginas 447 a 460. Também inserimos aqui o recente trabalho "Médicos de outrora no Pará", do Dr. Clóvis Meira, médico e professor universitário, publicado em Belém em 1986 com 479 páginas.

As biografias que apresentamos aqui são o resultado de nossas pesquisas durante os últimos trinta anos, algumas foram publicadas em jornais, revistas e livros em Belém e o restante inédito. Foram elaboradas em épocas diversas de modo que tiveram de passar por rigorosa revisão de texto e atualizadas. Este trabalho engloba quatorze estudos biográficos,

dos quais alguns mereceram uma atenção especial e, portanto, contêm um aprofundamento de informações mais minuciosas de acordo com a contribuição e a maior representatividade que a pessoa em questão teve no desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pesquisa científica ou no aspecto administrativo. Esse conceito vale também em relação ao Pará e extensivamente ao Brasil.

No conjunto geral, já temos uma lista de algumas 70 pessoas, na qual se incluem as quatorze agora apresentadas, que em nossa opinião merecem ser biografadas, em maior ou menor amplitude, conforme a sua importância e contribuição que deram nos termos acima referidos. O presente livro faz parte de uma série de biografias, que deverão ser publicadas em futuro próximo, e desde já podemos dizer que o segundo volume poderá ser redigido pelo autor. Daí para diante, outros pesquisadores, habilitados e com a necessária paciência, poderão completar as biografias e outras que por ventura venham a aparecer no futuro. A nossa tarefa tão cheia de dificuldades foi iniciada e cumprida, não no todo como sempre desejamos, mas parcialmente. Resta muito ainda por fazer, principalmente no que diz respeito à história geral do Museu Paraense e para tanto já redigimos históricos sobre a Zoologia, Geociências, Biblioteca, Parque Zoo-Botânico e assuntos correlatos. A pesquisa meteorológica foi resgatada no trabalho de Osvaldo Cunha e Therezinha Xavier Bastos em *A Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à Meteorologia na Amazônia (Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 23, 86 páginas, 1973)*.

Com essas contribuições tão exatas quanto reais, é nossa esperança que possamos ajudar aos que nada sabem sobre o Museu Paraense a conhecê-lo melhor, a fim de que em dias vindouros ele venha a ser mais decisivamente auxiliado, amparado e preservado como um santuário ina-

lienável e resguardado da inépcia de más pessoas, para que o seu futuro seja tranqüilo e a ciência que nele se pratica reverta em benefício às gerações futuras, engrandecendo, assim, o Pará, a Amazônia e o Brasil.

Oswaldo Rodrigues da Cunha



## Joaquim Pedro Correa de Freitas

(1829-1888)

Durante o Segundo Império muitos homens de elevada educação, cultura e honradez ilustraram as páginas da história da antiga Província do Pará, sendo quase todos de ascendência portuguesa. No meio da muita ignorância de então, estes homens foram um raio deslumbrante de luz que iluminou o meio acanhado de Belém. Eles ensinavam, orientavam, curavam os enfermos, fundavam associações culturais, beneficentes e de recreio, lutavam pela melhoria do meio social, praticavam política honesta, educada e útil, em vez da política sórdida, voltada para interesses partidários e particulares e submissa a chefetes locais. Enfim, estes cidadãos pugnavam com patriotismo sincero pelo progresso da terra natal. Entre eles encontrava-se o Dr. Joaquim Correa de Freitas. Desde o final do século passado o seu nome foi apostado a uma rua de Belém, o Boulevard Dr. Freitas, no bairro do Marco, por proposição dos vereadores daquela época.

O Dr. Freitas nasceu em Cametá, no dia 17 de agosto de 1829. Os seus pais eram o comerciante José

Joaquim de Freitas e a senhora The-reza de Souza Corrêa. Órfão de pai muito criança, seu tio e tutor, João Augusto Corrêa, mandou buscá-lo para Belém a fim de receber melhor formação. Nesta capital o garoto passou a ser orientado por suas parentes, irmãs do célebre estadista do Império Visconde de Souza Franco, que lhe inculcaram o preparo intelectual necessário para enfrentar os futuros estudos superiores. Em 1840 matriculou-se no Seminário de Belém, fazendo o curso de humanidades, pois nessa época ainda não existia o famoso Liceu Paraense, que foi instalado em 17 de janeiro de 1842, na rua Formosa, hoje "13 de Maio".

Terminados os preparatórios em 1846, o jovem manifestou interesse em seguir a carreira da magistratura, mas mudou de idéia por instâncias de seus tios, entre os quais o Dr. Ângelo Custódio Corrêa. Influenciado pelo seu segundo tio, o preclaro Marquês de Santa Cruz, Arcebispo de Salvador, resolveu seguir para a Bahia e cursar a Faculdade de Medicina daquela capital. Ali permaneceu 6 anos, sob a direção do

Arcebispo, de quem era hóspede. Doutorado em medicina, o Dr. Freitas empreendeu uma viagem à Europa, de três anos de duração, percorrendo a Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Áustria, Alemanha, Itália, Suíça, Grécia, Espanha e Portugal, procurando aperfeiçoar-se não apenas em ciências biológicas como também na moderna pedagogia.

De volta ao Pará, trouxe para a vida pública grande soma de conhecimentos científicos e literários, dedicando-se com afinco aos assuntos pedagógicos. A instrução do povo foi então a sua maior preocupação, pois o analfabetismo era crônico. Procurou saber tudo quanto se fazia e escrevia sobre tão importante assunto. Discorria sobre a educação moral e física de todos os países mais adiantados, e, por esta razão, foi logo eleito deputado à Assembléa Provincial, em Belém, em fins de 1855.

Ali os seus primeiros discursos pugnaram pelo adiantamento das classes populares. Em 1856 inscreveu-se no concurso das cadeiras de Francês e Geografia do Liceu Paraense, onde, obtendo o primeiro lugar, foi logo nomeado efetivamente.

Por várias legislaturas o Dr. Freitas concorreu com o seu saber e patriotismo em benefício do Pará. Em 1861, ele e o deputado Joaquim de Assis apresentaram à Assembléa Provincial um Projeto aditivo à Lei do Orçamento da Província, determinando uma verba de seiscentos mil réis para que o Governo criasse, em Belém, um Museu de História Natural. Este apelo denotava já o espírito liberal e evoluído desses dois homens, o primeiro paraense e o segundo mineiro. O Governo da Província não procurou levar adiante tão útil iniciativa. Mais tarde, o Dr. Freitas

propugnaria incessantemente pelo desenvolvimento do Museu, ora como deputado, ora como Diretor da Instrução Pública, ora como Diretor do próprio Museu, que o foi por cerca de 10 anos intercalados, de 1873 a 1881 e de 1883 a 1884.

O Dr. Corrêa de Freitas não chegou a praticar a medicina em caráter profissional. Aceitava, porém, chamados quando os seus sentimentos de humanidade a isso o levavam. Em Cameté, sua terra natal, pela qual tinha a maior admiração, prestava ao povo humilde serviços médicos, sempre gratuitos.

Em 1874 o Governo o encarregou da Diretoria Geral da Instrução Pública, cargo desempenhado com toda a lisura, sob aplausos gerais, até o ano de 1880 quando foi aposentado. Foi, também, Provedor da Santa Casa de Misericórdia do Pará. Cabe-lhe a glória de ter concebido a idéia, em 1874, de reunir as escolas em "grupos escolares", em um só edifício, idéia só concretizada 30 anos depois, no Governo de Augusto Montenegro.

O Dr. Correa de Freitas foi político influente no Partido Conservador, mas, na prática, era moderado e sabia encarar a política sob um ponto de vista tão superior, razão por que gozou sempre do respeito e da estima dos próprios adversários. Por oito vezes consecutivas foi Vice-Presidente da Província do Pará.

Pelos conhecimentos de Biologia que adquiriu no curso médico e nos anos que estudou nas principais cidades da Europa, o Dr. Freitas tinha certa inclinação para estudos de História Natural e muito entusiasmo pela Amazônia. No Velho Mundo deve, com certeza, ter conhecido os maiores Museus de então, como os

de Viena, Paris, Berlim, Londres, etc. Devido a estas qualidades, o Dr. Freitas passou a conviver durante anos com o Museu Paraense, sendo amigo de Ferreira Penna e pertencendo desde 1873 ao Conselho Administrativo do mesmo. Redigindo vários jornais de Belém, teve ocasião de escrever muitas vezes sobre assuntos de História Natural.

No Jornal "Diário de Belém" do dia 21 de dezembro de 1871, o Dr. Corrêa de Freitas começou a publicar um longo trabalho com o título de "Ligeiro esboço histórico da História Natural". No dia 24 terminou o assunto, ocasião em que escreveu o seguinte:

"Não entramos nos detalhes desta Ciência sobre a qual temos feito alguns estudos, porque reservamos este trabalho para um curso especial de Zoologia, que pretendemos abrir no começo do ano vindouro, em uma das salas do Museu Paraense, por consentimento de S. Exa. o Sr. Presidente da Província".

"Aí então os discípulos apreciarão as suas belezas e importância".

"Quanto a nós, satisfazemo-nos com a glória de ser o primeiro que se lembrou de lecionar esta matéria na Província".

Não temos elementos suficientes para afirmar se esse curso foi ou não realizado no Museu em 1872. Há seguras possibilidades de que o Dr. Freitas tenha levado a cabo tal desejo, com Ferreira Penna na Direção do Museu, visto ser esse também um de seus objetivos.

Em 1869 casara-se com Ana Cardoso de Andrade Freitas, que sobreviveu muitos anos à morte do marido. O Dr. Freitas faleceu no dia 2 de abril de 1888. Em 1884, retirou-se da direção do Museu Paraense por

encontrar-se muito doente e, em busca de melhoras, viajou para a Europa em começos de 1885, em companhia da família, mas, não obtendo recuperação, retornou a Belém em 1886, tendo resistido pouco tempo.

O Dr. Corrêa de Freitas escreveu os seguintes livros para a mocidade paraense, os quais foram por muitos anos adotados em todas as escolas públicas e particulares: *O Paleógrafo; Elementos de Geografia e História do Brasil; Primeiro, Segundo e Terceiro Livros de Leitura* e também a obra que segue:

1871. Ligeiro esboço histórico da História Natural. *Jornal Diário de Belém*, 21 a 24 dez.

#### Fontes de Consulta

1861-1888. Jornais "Diário do Gram Pará", "O Liberal do Pará", "Jornal do Pará" e "Província do Pará".

1861-1884. Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do Pará.

1888. Dr. Joaquim Correa de Freitas. Óbito. *Jornal A Província do Pará*. 4 abr.

1900. CUNHA, R.C.A. da. *Paraenses Illustres*, 2ª ed. J.B. Santos, Belém, 160 p.

1970. CUNHA, Raimundo Cyriaco Alves da. *Paraenses Illustres*, 3 ed. Belém, Conselho Estadual de Cultura. 170 p.